

Design biofílico para todos: ressignificação de espaços na comunidade do Vidigal/RJ

Biophilic design for everyone: redefining spaces in the community of Vidigal/RJ

DOI:10.34117/bjdv9n5-234

Recebimento dos originais: 25/04/2023

Aceitação para publicação: 25/05/2023

Carlos Eduardo Félix da Costa

Pós-doutor em Pintura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Rio de Janeiro – RJ,

CEP: 22451-900

E-mail: cadu@dad.puc-rio.br

Carlos Leite de Souza

Pós-doutor em Desenvolvimento Econômico Urbano Sustentável pela Universidade Politécnica da Califórnia

Instituição: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Endereço: R. da Consolação, 930, Consolação, São Paulo - SP, CEP: 01302-907

E-mail: carlos.souza@mackenzie.br

Evânia de Paula Muniz

Doutoranda em Design

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Rio de Janeiro – RJ,

CEP: 22451-900

E-mail: ovilai@gmail.com

RESUMO

Nossas presunções produzem narrativas que nos localizam quase à parte da natureza, quando na verdade, somos mais uma engrenagem num macro sistema planetário. Este artigo reflete sobre esse momento e traz, a partir do design biofílico e seus autores, modos práticos para melhorar nossas relações com o ambiente urbano, através da análise de casos aplicados na comunidade do Vidigal/RJ. Os mesmos, desenvolvidos a partir de agosto de 2021 até o momento, colaboram para refletirmos os temas da sustentabilidade, micropolítica e bem-estar em nossa sociedade.

Palavras-chave: design biofílico, sociedade, sustentabilidade.

ABSTRACT

Our assumptions produce narratives that place us almost apart from nature, when in fact, we are just another cog in a planetary macro system. This article reflects on that moment and brings, from biophilic design and its authors, practical ways to improve our relationships with the urban environment, through the analysis of applied cases in the

community of Vidigal/RJ. The same, developed from August 2021 to date, collaborate to reflect the themes of sustainability, micropolitics and well-being in our Society.

Keywords: biophilic design, society, sustainability.

1 INTRODUÇÃO

O início da Revolução Industrial na metade do século XVIII, o rápido crescimento populacional e a globalização, associados ao uso excessivo de recursos naturais, desequilibraram o planeta às margens desse milênio. Nunca se consumiu tanto, ao ponto de estudiosos afirmarem que residimos numa nova época geológica. Saímos do Holoceno – época baseada na integração das formas de vida e no equilíbrio climático, cuja origem se deu há cerca de 12 mil anos, e entramos no Antropoceno, era em que a Terra está sob dominação humana. Segundo Wagner Costa Ribeiro, professor da USP, em entrevista ao site “CN-Capital Natural”, há uma discussão quando o adentramos: se foi no início das grandes navegações, através do intercâmbio de materiais biológicos, ou na Revolução Industrial, com o uso intensivo dos combustíveis fósseis, ou ainda, associado a sociedade de consumo, depois da explosão do artefato nuclear e no pós-guerra. Na mesma entrevista, afirma que a humanidade abandonou a condição de força biológica, transformando-se em força geológica, fenômeno que jamais ocorreu. Tal fato tem determinado o funcionamento do sistema climático. E, se continuarmos nesta rota, o horizonte até o final do século XXI, com consequências catastróficas para a biodiversidade, para a segurança alimentar, a saúde humana e o desenvolvimento econômico.

O aquecimento global pode ser analisado com base na Teoria de Gaia, proposta sugerida pelo cientista britânico James E. Lovelock em 1972. Em entrevista concedida ao jornalista Diego Shelp, em 25 de outubro de 2006, Lovelock considera que a Terra é um organismo vivo e diz que qualquer organismo que afete o ambiente de maneira negativa, acabará por ser eliminado. Como o aquecimento global foi provocado pelo homem, está claro que corremos o risco de extinção. O autor afirma que até o fim do século, é provável que, se nosso modo de vida não se alterar drasticamente, cerca de 80% da população humana desapareça. Os 20% restantes vão viver no Ártico e em alguns poucos oásis em outros continentes, onde as temperaturas forem mais baixas e houver um pouco de chuva.

Na América latina, por exemplo, esses refúgios vão se concentrar na Cordilheira dos Andes e em lugares altos. O Canadá, a Sibéria, o Japão, a Noruega e a Suécia

provavelmente continuarão habitáveis. A maioria das regiões tropicais – incluindo praticamente todo o território brasileiro – terá um clima demasiadamente quente e seco para que sejam ocupadas. O mesmo ocorrerá na maior parte dos Estados Unidos, da China, da Austrália e da Europa. Não será um mundo agradável. As condições de sobrevivência no futuro serão muito difíceis. Essa é a “retaliação de Gaia”, uma expressão que o cientista usa como metáfora para chamar a humanidade à reflexão.

Nesse sentido, as encíclicas papais se constituem em pontos de referência e sugestão concreta para a transformação social, e corroboram com Lovelock. “Laudato Si” Francisco (2015), é intitulada com o primeiro verso do poema de São Francisco de Assis: “Canto de louvor da natureza ao Senhor”, sintetizando o pensamento do autor sobre o contexto ecológico global, trazendo propostas para superar os desafios para o desenvolvimento responsável, com foco da vida na terra e com opção preferencial pelas comunidades humanas.

O texto é um documento educacional, construído em torno da troca de saberes, com expressões de natureza pedagógica, voltadas para o viver em sociedade. A sensibilização estética está presente de forma explícita na encíclica, na relação que estabelece entre uma educação holística apropriada e a preservação de um ambiente sadio. Há preocupação com as mudanças a serem provocadas com a educação ambiental em passagens como a de número 210: “É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida” (FRANSICSO, 2015, p. 161); 230: “Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais, quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (*Ibid.*, p. 173), e; 213: “Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros” (*Ibid.*, p. 162).

É preciso o surgimento de abordagens com novos conjuntos de ferramentas, que permitam desmembrar essa complexidade em objetivos simples e alcançáveis. Através de que bases, portanto, poderíamos gerar modificações tangíveis no cotidiano urbano de nossas metrópoles em que a desigualdade afeta a maioria da população? Veremos a seguir que correntes projetivas podem corroborar para tal.

2 A BIOFILIA E O DESIGN EM PARCERIA

O ser humano é indissociável da natureza, porém, sua tendência ao acúmulo alterou o ambiente de tal forma, que boa parte da consciência desta união necessita ser lembrada. Em “Cidades para pessoas” (2013), o autor Jan Gehl expõe quanto o planejamento urbano nas últimas décadas tem sido negligenciado na maioria das grandes cidades.

Gradativamente, as forças do mercado e tendências arquitetônicas afins, mudaram seu foco, saindo das inter-relações e espaços comuns da cidade para edifícios individuais, os quais, durante o processo, tornaram-se cada vez mais isolados, autossuficientes e indiferentes. Espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidentes e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes, na maioria das cidades do mundo. O rumo dos acontecimentos não só reduziu as oportunidades para o pedestrianismo como forma de locomoção, mas também deixou sitiadas as funções cultural e social do espaço da cidade. A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada (GEHL, 2013, p. 3).

Muitos pesquisadores, teóricos do planejamento urbano e outras áreas têm contribuído nessa discussão, uma vez que está inserida numa questão muito maior: é um assunto de saúde e bem-estar, como veremos na biofilia.

A biofilia – bio = vida, filia = amor, Amor à vida – foi um conceito apresentado em 1964 pelo psicólogo e filósofo Erich Fromm, e ampliado em 1984 pelo biólogo Edward O. Wilson em seu livro intitulado *Biofilia* (1984). A obra discorre sobre a conexão inata entre a natureza e o ser humano e o quanto esse vínculo é essencial para termos saúde plena. Saúde plena é saúde integral, em todos os níveis.

Wilson explica que temos uma necessidade biológica de contato com a natureza, visto que nossa composição genética se estruturou em função da convivência com ambientes orgânicos, e não em ambientes artificiais, devendo, portanto, esta ser compreendida como uma condição primária e fundamental da nossa espécie. O autor apresenta percepções importantes quanto ao comportamento humano:

Os psicólogos notaram que as pessoas que entram em lugares desconhecidos tendem a se mover em direção a torres e outros objetos grandes que quebram o horizonte. Dado o tempo de lazer, eles passeiam ao longo das margens do rio. Eles olham ao longo da água e para cima, para as colinas além ou para edifícios altos, esperando ver os lugares sagrados e bonitos, os locais de eventos históricos, agora as sedes do governo, museus ou as casas de personagens importantes (WILSON, 1984, p. 123).

A manifestação mais reveladora do triplo critério ocorre nos princípios do paisagismo. Quando as pessoas estão confinadas a cidades lotadas ou terras sem características, elas fazem um esforço considerável para recriar um terreno

intermediário, algo que pode ser provisoriamente chamado de Gestalt da savana. Em Pompéia, os romanos construíram jardins ao lado de quase todas as pousadas, restaurantes e residências particulares, a maioria possuindo os mesmos elementos básicos: árvores e arbustos artisticamente espaçados, canteiros de ervas e flores, piscinas e fontes e estatuária doméstica. Quando os pátios eram pequenos demais para abrigar grande parte de um jardim, seus proprietários pintavam quadros atraentes de plantas e animais nas paredes do recinto – em assembleias geométricas abertas. Os jardins japoneses, que datam do período Heian dos séculos IX a XII (e portanto, em última análise, de origem chinesa), enfatizam da mesma forma o arranjo ordenado de árvores e arbustos, espaço aberto, riachos e lagoas. As árvores foram continuamente criadas e podadas para se assemelharem às da savana tropical em altura e forma de copa. As dimensões são tão próximas que parece que alguma força inconsciente trabalhou para transformar os pinheiros asiáticos e outras espécies do norte em acácias africanas (*Idem*).

Situações similares à descrição acima acontecem de forma quase cômica na realidade, como o caso da cidade chinesa de Fumin, que *finjiu* reflorestamento de sua área pintando partes da montanha Laoshan, que era uma antiga pedreira, de verde. A obra foi uma decisão do Escritório de Agricultura e Florestas de Fumin, numa tentativa de atenuar a ausência de vegetação na região. *Manicurismos*, que não passam pela causa do problema.

A importância de uma ecologia que pense a relação do ser humano com o todo e a relação de questões sociais com a natureza, com o ambiente em que se vive, é, basicamente, uma relação de equilíbrio. Precisamos de um modelo social no qual decisões sejam feitas a partir de valores que tenham como premissa a ética. Para se pensar em um futuro plausível para nossa espécie, continuarmos pelo caminho atual é inviável, além de imoral. Chico Mendes – seringueiro e ativista ambiental, assassinado em 1988 – afirmava que ecologia sem consciência de classe é jardinagem.

Em “O Bem Viver” (2016), Alberto Acosta, acusa o modelo de exploração de recursos naturais e oferece caminhos para uma sociedade, na qual, nós, seres humanos, sejamos uma promessa e não uma ameaça sustentada numa convivência cidadã, a partir do conhecimento dos diversos povos e culturas existentes no país e no mundo.

O mundo precisa de mudanças profundas, radicais. Urge superar as visões simplistas que transformam o economicismo em eixo da sociedade. Precisamos de outras formas de organização social e novas práticas políticas. Para obtê-las, é imprescindível despertar a criatividade e consultar o compromisso com a vida, para não nos convertermos em meros aplicadores de procedimentos e receitas caducas (ACOSTA, 2016, p. 21).

Acosta fala ainda sobre buscar o “bem viver”, tendo como base a economia solidária, que vem crescendo por todas as partes do mundo. É preciso gerar soluções

alternativas para os problemas que o modelo de desenvolvimento atual não consegue resolver. Se destaca a tentativa de privilegiar a riqueza cultural e as tradições comunitárias na busca de uma refundação das instituições políticas e jurídicas. Esse movimento inclusivo tem em sua agenda questões de cunho ambiental, social e econômico, além de acender as esperanças de que o desenvolvimento sustentável ofereça uma nova visão do mundo.

O “Bem Viver” enquanto filosofia de vida, é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um pouco que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto para construir democraticamente sociedades democráticas (*Op. Cit.*, p. 26).

No artigo "A promoção de políticas públicas locais na sustentabilidade urbana - o caso de São Paulo", Leite et al. (2023) destacam a importância do espaço urbano no que se refere à questão ambiental. Os autores afirmam que o espaço urbano é responsável por diversos problemas ambientais, como a poluição do ar e da água, o aumento da temperatura, entre outros. No entanto, eles também ressaltam que o espaço urbano pode ser utilizado como território para a solução desses problemas, por meio do desenvolvimento urbano sustentável.

No artigo "O uso de jardins didáticos e áreas verdes como ferramenta para o ensino de botânica na educação básica do Brasil - uma revisão integrativa", de Germano et al. (2022), destaca a importância de abordagens didáticas contextualizadas no ensino de botânica. Os autores afirmam que atividades que envolvem a natureza podem ajudar no desenvolvimento do pensamento crítico, científico e socioambiental dos alunos.

Carlos Leite, um nome importante do Urbanismo Social no Brasil, destaca a importância da colaboração entre as políticas públicas e privadas para promover mudanças significativas no espaço urbano. Ele cita o exemplo da cidade de Medellín, na Colômbia, que foi transformada por meio de estratégias educadoras que incluíram o paisagismo, a arte, o cultivo de vegetais e o mobiliário urbano. Esse projeto, idealizado pelo arquiteto Alejandro Echeverri, inspirou o mundo e mostra que soluções integradas se sustentam. É essa conexão que a biofilia nos propõe e que a industrialização nos afastou.

O ecologista americano Stephen Kellert e arquiteta Elizabeth Calabrese, no livro “*The practice of Biophilic design*” (2015), trazem o conceito da biofilia para as práticas projetivas, nomeando-o de design biofílico, cuja finalidade é proporcionar a experiência

da natureza no ambiente construído, visando a promover saúde e bem-estar aos indivíduos. Segundo os autores, a aplicação bem-sucedida do design biofílico requer a adesão consistente a vários objetivos ou princípios básicos. Eles incluem: envolvimento repetido e sustentado com a natureza, aproximação humana com a natureza, conexão. Suas principais ferramentas de articulação poderiam ser resumidas em: elementos naturais; formas naturais; padrões e processos naturais; espaço; cultura; identidade; e religiosidade.

A prática do design envolve a aplicação de várias estratégias do design, o que chamamos experiências e atributos. A escolha de quais aplicações de design empregar inevitavelmente varia, dependendo das circunstâncias e restrições de um projeto, incluindo usos específicos de construção e paisagem, tamanho do projeto, fatores econômicos, logísticos e regulatórios variados, bem como condições culturais e ecológicas. Conforme enfatizado, a prática efetiva do design biofílico requer adesão aos princípios observados anteriormente. Mais importante, o design biofílico nunca deve ocorrer de forma fragmentada e desconectada, mas sim de uma maneira em que as diversas aplicações se reforçam e complementam mutuamente, resultando em um todo ecológico integrado (KELLERT & CALABRESE, 2015, p. 9).¹

Para congregarmos ao design biofílico iremos usar abordagens criadas pelos professores Ana Branco e Luiz Mendes Ripper nos anos 1980 na PUC-Rio, conhecidas como “design em parceria”. A metodologia tem como premissa a escuta, o aproveitamento da bagagem de informações e experiência trazida pelo outro. O design em parceria teve como estimulador o discurso de Victor Papanek em “*Design for the real world*” (1971), que se destacou pelas propostas de mudanças nas etapas de projeto, trazendo questões ligadas à sustentabilidade e ao desenvolvimento social. A obra foi um alerta aos designers, no tocante à responsabilidade de quem projeta num planeta de desigualdade e consumismo.

Existem profissões mais nocivas que o desenho industrial, mas são poucas. E possivelmente existe apenas uma profissão que é mais insincera. O design de anúncios, dedicado a convencer as pessoas a comprar coisas de que não precisam com o dinheiro que não tem para impressionar as pessoas que não se importam, é talvez a especialidade mais falsa que existe hoje (PAPANÉK, 2014, p. 21).

¹ Tradução nossa. Texto original: The practice of biophilic design involves the application of varying design strategies, what we refer to as experiences and attributes. The choice of which design applications to employ inevitably varies depending on a project’s circumstances and constraints including particular building and landscape uses, project size, varying economic, logistical and regulatory factors, as well as cultural and ecological conditions. As emphasized, the effective practice of biophilic design requires adhering to the previously noted principles. Most important, biophilic design should never occur in piecemeal or disconnected fashion, but rather in a manner whereby the diverse applications mutually reinforce and complement one another, resulting in an overall integrated ecological whole.

A professora Doutora da PUC-Rio, Rita Couto, entende que a escuta íntima e atenta no processo de desenvolvimento de uma ideia, além de oferecer mais dados para o problema social em questão, apresenta solidariedade e um diagnóstico certo do desenho a ser proposto. Entender que essa horizontalidade é uma ação estratégica para aplicar na prática de bens e serviços é aplicar a tecnologia social nos projetos. É entregar um produto que atende aos três pilares para o desenvolvimento sustentável: econômico, social e ambiental. A necessidade desenfreada pelo consumo aponta uma urgência de estratégias para a elaboração de produtos duradouros e eficientes. Muito daquilo que consumimos – denominados como “bens duráveis” – tem a vida útil reduzida por questões mercadológicas, não ligadas a eficiência do produto ou da manutenção de reservas das matérias-primas que os compõem, mas sim pensados através de uma obsolescência programada, levando a população a recorrer ao mesmo artigo várias vezes.

Um outro autor que se destaca quanto às estratégias para otimizar a produção consciente e sustentabilidade como meio para uma renovação holística é o designer Ezio Manzini. Em seu livro “Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais” (2008), enfatiza o papel do designer como parte da solução do problema.

Projetar soluções sustentáveis significa definir um resultado, conceber e desenvolver os sistemas de artefatos necessários para atingi-lo. Significa concebê-los e desenvolvê-los de tal forma que o consumo dos recursos ambientais seja reduzido e que as qualidades dos contextos de vida sejam regeneradas. Além disso, como foi apresentado anteriormente, cada passo rumo à sustentabilidade exige mudança radical. Os casos que são mais interessantes para nós aqui requerem uma mudança radical a nível local, ou seja, descontinuidades locais ou mais precisamente descontinuidades locais coerentes com a perspectiva da sustentabilidade (MANZINI, 2008, p. 36).

Quando o design não cumpre o seu papel, esse produto se torna uma peça inútil. A mídia tende ao conformismo, levando a humanidade a permanecer na zona de conforto, como explicitado por Papanek (2014). Dessa forma, o designer, por ter habilidades especiais, não pode ser conivente com esse sistema. Nos dias atuais, mais do que nunca se precisa estar atento na criação de qualquer projeto, para que este atenda às necessidades que a sociedade precisa. Relembrando a já citada Encíclica 230, “Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (FRANCISCO, 2015, p. 173).

3 O DESIGN BIOFÍLICO E A COMUNIDADE DO VIDIGAL/RJ

O Vidigal se localiza na Avenida Niemeyer, zona sul do Rio de Janeiro, entre os bairros nobres do Leblon e São Conrado. Os primeiros ocupantes da região chegaram na década de 1940, construindo casebres de madeira sem luz ou saneamento. Em 1968, foi iniciada a construção do hotel cinco estrelas Sheraton, que ofereceu oportunidades de trabalho aos moradores locais, representando a primeira expansão da localidade. A comunidade sofreu várias tentativas de remoção, mas sempre conseguiu se manter através de estratégias tomadas por lideranças locais e entidades sociais ligadas à Igreja Católica, como a Pastoral de Favelas e a Arquidiocese.

Não ao acaso, durante a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, em julho de 1980, a favela foi escolhida para receber o pontífice. Tal evento que marcou um investimento urbanístico significativo. Em 1994, no mandato do prefeito César Maia, a comunidade recebeu recursos do ambicioso projeto de urbanização da cidade, o “Favela Bairro”. Idealizado pelo arquiteto Luiz Paulo Conde, o empreendimento almejava incorporar definitivamente as favelas à paisagem da cidade, tirando-as da informalidade através da presença do Estado e seus serviços básicos dirigidos ao cidadão: segurança, saneamento, mobilidade, educação e saúde.

Em 2010, houve uma nova rodada de investimentos com uma segunda versão do projeto Favela Bairro, trazendo mais serviços e infraestrutura. Em 18 de janeiro de 2012, durante o governo de Sérgio Cabral, foi inaugurada a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na comunidade, plano do Estado, que visava a preparar o Rio para macro eventos esportivos e festivais por vir, como os Jogos Panamericanos, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, assim como shows e convenções internacionais. A presença das forças de segurança gentrificou o Vidigal, que atraiu diversos empreendimentos e a classe média, disparando o valor dos imóveis. Muitos moradores venderam suas casas e voltaram para suas terras natais ou procuraram os subúrbios, pois intuía na artificialidade e pouca duração da estabilização do bairro, o que de fato ocorreu. Hoje, o Vidigal busca recursos e iniciativas que atenuem a precariedade deste legado. E é neste cenário que atuamos.

As atividades em desenvolvimento ocorrem em parceria com a ONG Horizonte. Nesta etapa, investigamos possibilidades para lidar com a falta de espaço e recursos, investindo em criatividade e soluções locais sustentáveis. O objetivo é afetar o indivíduo através de uma abordagem holística daquilo que o rodeia – cores, formas, aromas, alimento –, e outras aproximações a partir do que é vivo, natural e acessível. Para

compreender melhor estas demandas, uma primeira oficina foi realizada em agosto de 2021 na casa de moradores voluntários.

Foram implementados pequenos adornos, criados com baixo custo e materiais reciclados. Suportes para plantas de macramê, calhas com plantas ornamentais e ervas medicinais e jardineiras foram algumas das intervenções. Iniciativas que abriram um canal de escuta com a comunidade, posteriormente nos levando a um segundo espaço de intervenção.

Figura 1. Aplicando as estratégias do design biofílico e design em parceria (fonte: Acervo pessoal).



Figura 2. Construção de calha jardineira na residência de uma moradora (fonte: Acervo pessoal).



Figura 3. Canteiro na ONG Horizonte Vidigal/RJ - antes de intervenção (fonte: Acervo pessoal).



Figura 4. Canteiro na ONG Horizonte Vidigal/RJ - após intervenção (fonte: Acervo pessoal).



A partir de abril de 2022 iniciou-se uma parceria com o projeto “Comunidade Recicla”, coordenado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, que vem retirando lixos das encostas da favela. O espaço selecionado é uma área junto à orla, uma área com grande potencial para lazer, turismo e plantio.

Figura 5. Encosta do Vidigal/RJ (fonte: Acervo pessoal).



Com a retirada do lixo, uma horta coletiva foi implementada, além de um horto berçário, que fornece mudas gratuitamente. Com poucos recursos, mas muito esforço e boa vontade de todos os envolvidos, resultados satisfatórios estão sendo alcançados. Hoje há visitantes diariamente pedindo verduras, ervas e plantas ornamentais, indo admirar a paisagem, e alguns aproveitam para pescar. Tais atividades criam conexões, hábitos e novos comportamentos, o que ressignifica o local, colaborando para que se torne um espaço educador.

Figura 6. Horta comunitária Vidigal/RJ (fonte: Acervo pessoal).

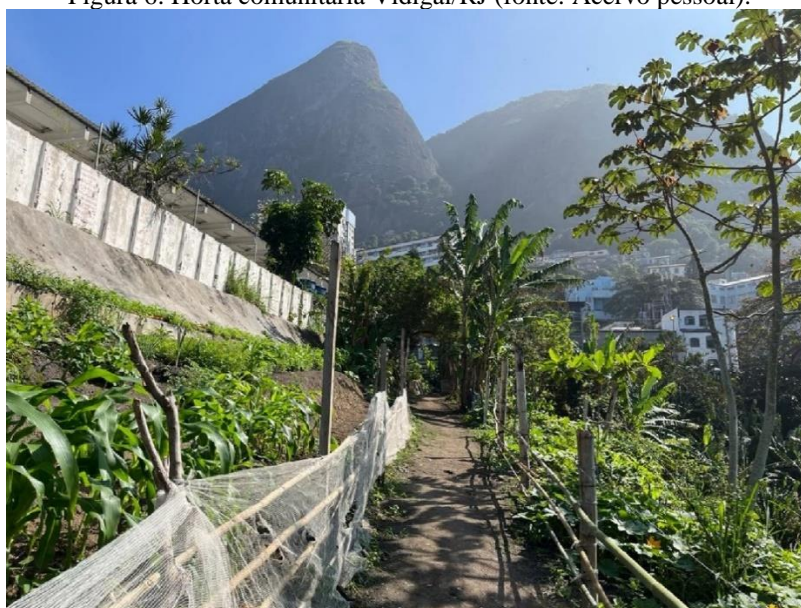


Figura 7. Horta comunitária Vidigal/RJ – moradores locais Célia Coutinho e Pablo dando sua contribuição para a construção de um horto berçário (fonte: Acervo pessoal).



Figura 8. Horta comunitária Vidigal/RJ – horto berçário pronto (fonte: Acervo pessoal).



“A professora Flávia do Projeto Todos na luta” trouxe sua turma de crianças e adolescentes para entender a importância de estar conectado a natureza, de cultivar o próprio alimento, entender processos e ciclos.

Figura 9. Horta comunitária Vidigal/RJ – horto berçário pronto (fonte: Acervo pessoal).



Professora Evânia de Paula explica o Projeto Ressignificação de espaços

Figura 10. Horta comunitária Vidigal/RJ – horto berçário pronto (fonte: Acervo pessoal). Alunos do Projeto Todos na luta.



Conhecer e explorar os espaços públicos e interagir com as pessoas que frequentam esses lugares, é contribuir para o fortalecimento do senso de comunidade e para a construção de uma sociedade mais coesa e solidária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua obra “Espaço e Lugar” (1983) Tuan Yi-Fu, fala sobre a experiência de se apropriar do lugar, de sentir o lugar. Tomando como referência o dia a dia, o autor defende que o mesmo campo físico pode gerar diferentes sensações nas pessoas. Fala que o lugar é uma construção coletiva daqueles que o frequentam, dando-lhe identidade e pertencimento.

Sentir um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetido dia após dia e através de anos, é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos (YI-FU, 1983, p. 203).

Figura 11. Horta comunitária Vidigal/RJ/ (fonte: Acervo pessoal).



Essa nova paisagem construída coletivamente aos poucos está se tornando um espaço pedagógico, disseminando as práticas da biofilia e inspirando replicação em outros

espaços negligenciados. Essa é a importância de dar oportunidades a indivíduos oriundos da comunidade para que participem de projetos na vizinhança de suas casas, dando luz a um espaço que antes era invisibilizado.

Em nossa perspectiva, o plano é construir uma área comum para oficinas, mesas redondas para interação e reflexão dos moradores e visitantes. O hábito do cultivo de uma horta, além de complementar com alimentos mais saudáveis a dieta das famílias, colabora para abrandar inseguranças emocionais e gerar um novo comportamento. Um comportamento pela busca de uma vida integral.

O objetivo do design biofílico é demonstrar que um espaço bem planejado e harmônico irá refletir na saúde de quem o utiliza. A biofilia não é ter plantas, biofilia é um comportamento de regeneração, de processo e de cuidado. Tendo o conhecimento e essa consciência, você valorizará o seu tempo em conexão com a natureza, transformando quem está a sua volta também. O seu espaço, a sua rua, a sua comunidade. Uma comunidade ecológica é uma comunidade resiliente.

Este é um trabalho lento, demorado e que depende do engajamento da população, que por sua vez, espera ações mais contundentes de alteração do seu cotidiano. Há dificuldade de fazer estas atividades sem aportes financeiros contínuos de órgãos governamentais. Mas os resultados micropolíticos demonstram grande potencial, pois saberes novos e tradicionais circulam e vínculos afetivos são criados, renovados ou reforçados. Essa é a missão de um design comprometido em ser um agente transformador de realidades.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALCÂNTARA. L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de Desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento. Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abril de 2017.

CAPITAL NATURAL. Marina Machado entrevista: O geógrafo Wagner Costa Ribeiro e o economista Ricardo Abramovay, **A era do Antropoceno – Parte 1 e 2**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-FI> . Acesso em: 19 out. 2022.

COUTO, Rita. O design social na PUC-Rio. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; DEL GAUDIO, Chiara. **Eco visões projetuais pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Blücher., 2017.

FRANCISCO, Santo Padre. Carta Encíclica – **Laudato Si** -Sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em < https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf > Acesso em: 09 jan. 2023.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GERMANO et al. O uso de jardins didáticos e áreas verdes como ferramentas para o ensino de botânica na educação básica do Brasil – uma revisão integrativa, *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n.12, p. 79797 – 79804, dec., 2022. Disponível em <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/55524/40875> Acesso em 26 de abril 2023.

KELLERT, Stephen; CALABRESE, Elizabeth, **A prática do Design Biofílico**. 2015. Disponível em [https://biophilicdesign.umn.edu/sites/biophilic-net-positive.umn.edu/files/202109/2015_Kellert%20The Practice of Biophilic Design.pdf](https://biophilicdesign.umn.edu/sites/biophilic-net-positive.umn.edu/files/202109/2015_Kellert%20The%20Practice%20of%20Biophilic%20Design.pdf). Acesso em: 09 jan. 2023.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana Di Cesare Marques. **CidadesSustentáveis, CidadesInteligentes**.Desenvolvimentosustentávelnumplanetaurbano.PortoAlegreRSBrasil,Bookman,2012.

LEITE et al., **A promoção de políticas públicas locais na sustentabilidade urbana – o caso de São Paulo**, *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 9, n.3, p. 12.407 – 12418, mar., 2023. Disponível em <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/58500/42597>. Acesso em 26 de abril 2023.

LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro. 2001. _____. **A vingança de Gaia**. [Entrevista concedida a Diogo Schelp], em 25 out. 2006. Disponível em <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Claudio/A%20vingan%E7a%20de%20Gaia.pdf> . Acesso em: 18 out. 2022.

MANZINI, Ezio, **Design para a inovação social e sustentabilidade**, VOLUME 1. Produção COPPE/UFRJ Editora E-papers - RJ, 2008.

PAPANÉK, Victor, **Diseñar para el mundo real: ecología humana y cambio social**. Barcelona: Polén Editions, 2014.

PORTAL G1. **Reflorestamento China**, Disponível em, https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL5768-5603,00_CHINA+FINGE+REFLORESTAMENTO+COM+TINTA+VERDE.html . Acesso em: 10 jan. 2023.

WILSON, Edward o. **Biofilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
YI-FU, Tuan, **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Editora Difel, 1983.

ZOOLOGIA FANTÁSTICA, **Conheça Chico Mendes**. Disponível em < <https://sites.google.com/uem.br/exposicaozoologiafantastica/entrada/protegendo-especies-magicas-e-reais/chico-mendes?pli=1> > Acesso em: 20 jan. 2023.